

Morada-cavalo: audiovisuais, corpos e encantamento¹

Scheilla Franca de SOUZA²

Jorge CARDOSO FILHO³

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, UFRB, BA

RESUMO

Pensamos, neste ensaio, a figura da morada como cavalo (corpo-local de trânsito de entidades das religiões afro-ameríndias), que expande formas de aparição, performances, sendo local de incorporação sagrado, conexão entre visível/invisível e encantamento, em produções artísticas/comunicacionais, com ênfase no audiovisual em diálogo com sensibilidades do Recôncavo. Desde o início da pandemia de COVID-19, com as restrições sanitárias e de deslocamento, arte/vida firmaram uma relação de continuidade de experiência a partir do audiovisual em casa (SOUZA e CARDOSO FILHO, 2021; 2022) que fizeram emergir determinadas estéticas. Apresentamos a morada-cavalo como uma condição efêmera e ancestral fundamental destas expressões estético-políticas.

PALAVRAS-CHAVE: Experiência estética; performance; morada-cavalo; comunicação; Recôncavo da Bahia.

UMA MENSAGEM

A morada-cavalo está em silêncio. Logo ouvimos o som de pessoas colocando o alguidar de pipocas, acendendo velas, dançando com folhas de pitanga, uma música, que parece fazer conexão com a câmera, e o movimento das mulheres. Onde está a morada? Em *Nascente* (Safira Moreira, 2020), assim como em diversos filmes e audiovisuais realizados na pandemia (SOUZA e CARDOSO FILHO, 2021; 2022), uma das faces da morada é a casa. Não é preciso negar essa face da morada para seguir adiante na reflexão. Mas, para nós, a mensagem das performances audiovisuais nos pediam para imaginar mais, imaginar além do ambiente doméstico.

Que mensagem mais pode nos dar a morada enquanto cavalo? Nas religiões de matriz afro-ameríndia, o cavalo é a figura que, em transe, na gira, normalmente, participando de uma comunidade de santo - seu *corpo* está além dos binarismos, como

¹ Trabalho apresentado no GP Estéticas, Políticas dos Corpos e Interseccionalidades XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Realiza estágio pós-doutoral no PPGCOM/UFRB sob supervisão do Prof. Dr. Jorge Cardoso Filho e da Prof^ª Dr^ª Daniela Matos, com financiamento pela CAPES. Doutora em Comunicação e Cultura Contemporâneas pelo POSCOM/UFBA (2017). Pesquisadora do Grupo de Estudos em Experiência Estética, Comunicação e Artes (GEECA/UFRB), e-mail: scheillafranca@gmail.com

³ Docente do Centro de Artes, Humanidades e Letras da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia e do POSCOM-UFBA. Doutor em Comunicação Social-UFMG, e-mail: cardosofilho.jorge@gmail.com

pontua Leda Maria Martins (2021). Sua *performance* é uma performance que habita o *entrelugar*, a *encruzilhada*, o local de abertura para outros mundos, seus (memórias, sensibilidades), do Outro (partilhas familiares/comunitárias) e do mundo invisível (conexões com entes, afetos saberes e práticas ancestrais/espirituais).

Não escolhamos a figura do *cavalo* à toa, aliás nem sequer podemos dizer que escolhamos. É uma figura dita por nossa morada, é o que nela escutamos em nosso cotidiano. Habitamos o Recôncavo Baiano e a cultura amefricana e ameríndia tem raízes profundas e expostas aqui. Expostas com orgulho e complexidade - como o mangue de Nanã - com seu ecossistema de formas de vida, muitas vezes impossível de ser percebido apenas por um sentido. A mensagem do cavalo não vem por uma via única. A mensagem vem por muitos fluxos, ao mesmo tempo, de temporalidades distintas, explora muitos movimentos de trânsito entre o visível/invisível, conexões entre territorialidades, entre corporalidades. Sua lógica é potencialmente uma lógica das performances do *cruzo* (SIMAS e RUFINO, 2019) É preciso ter os sentidos corpóreos atentos, como nos ensina Exu. E para tanto, para pensar a morada e entender perspectivas em torno da morada, notamos também a importância da *presença*.

Mas o que é *presença* quando se pensa estudos sobre morada na comunicação? Para nós, é estar em experiência *com* e *no* ambiente a ser investigado, a ser pesquisado. Não necessariamente presença territorial, mas estado de presença, deixar-se experimentar e depois teorizar sobre, estar disponível para os rituais e as possibilidades que aquela morada oferecer. É difícil escrever sobre morada, pensar a morada, sem se permitir viver a morada. Porque a morada não é a casa, mas o *processo de habitar*.

No processo de habitar há, além do espaço físico, o transbordar da casa, sem excluí-la. Há o espaço de quem vive e o espaço de quem conta, como nos diz Antônio Paulo Rezende:

A casa é a morada. A morada abraça a história de cada um com uma ternura quieta e desassombrada. Ela é como um caís, oceânico e amoroso, que guarda os cheiros das travessias dos corações. [...] Como, então, excluir a subjetividade, território fundamental do embate entre tantos afetos que tecem a nossa existência? O homem é metáfora de si mesmo, como diz Octávio Paz, e sua morada sintetiza muitas metáforas escritas e imaginadas na construção dos seus tempos. Na história que se inventa, está o inesperado e o inesgotável. A forma nunca é definitiva e conclusiva. É sempre um começo. A casa nunca tem uma única forma, tampouco uma única história (REZENDE, p. 116, 2007).

Nesse texto, o autor explora aspectos de pertencimento que atravessam a perspectiva da casa enquanto morada, desde as experiências sonoras, filosóficas,

temporais, afetivas, dentre muitas, usando muitas vezes a imaginação para pensar e performar textualmente “AcasadeChetBaker”, “Acasadocorpo” ou ainda “Acasadofim”. Neste último tópico, ele termina dizendo: “Quem pode habitar a casa do fim, já escreveu sua última página e danou-se para o desconhecido. A casa continua, é memória, é raiz. [...] A casa é apenas um emblema, um espelho, um disfarce, uma síntese, uma forma de se estar e de ser no mundo. A casa e o texto estão suspensos.” (p. 133). A casa, para os autores, é, portanto, na nossa linguagem, cavalo.

Experiências de morada podem ser percebidas como um fenômeno comunicacional/artístico/social de cruzo entre visível/invisível, como *cavalo*, nas culturas e tradições de matriz amefricanas e ameríndias. Expandindo a ideia de casa, sem abandoná-la, a morada vai além, a morada se constitui pelas relações, precisa ser visível/invisível. Vamos pensar no culto e nas oferendas aos Orixás, aos encantados, às entidades que são base de nossas identidades brasileiras e fundam nossos ritos (mesmo para os não iniciados nas religiões, como é comum ver nas festas de fim de ano em Copacabana, transmitido ao vivo por emissoras na TV aberta, e de Yemanjá, com cobertura vasta também em Salvador-BA, direto do bairro do Rio Vermelho, dentre tantas outras). Estes cultos pedem que reverenciemos a entidade em sua morada, onde o ser habita. Yemanjá aqui no Brasil é associada ao mar, às águas salgadas, logo, é preciso agradecer a mãe de todos os *oris* indo até o mar, com o que lhe agrada, com o corpo preparado, rituais feitos, espírito pronto. Temos, portanto, experiência de morada. A morada é um aspecto relacional com nossa ancestralidade, que aparece com o familiar/comunitário, muitas vezes. Nos terreiros de candomblé do Recôncavo da Bahia, mais detidamente em Cachoeira e São Felix, é comum haver grandes espaços de área verde, muito maiores que o espaço da casa em si (VELAME, 2022), devido à íntima relação entre as energias dos orixás, das entidades (como os caboclos, por exemplo) e a natureza.

A *experiência de morada* permite performances de reencantamento do mundo, contra o esquecimento do *carrego colonial* (SIMAS E RUFINO, 2019), justamente porque se está entre os seus, em diversas dimensões. Tem potência de aparição, rasteira e saltos históricos contra esse sistema de morte que assombra o Brasil e o mundo com seu binarismo excludente, com seus privilégios e sua lógica extrativista. Nesse sentido, a experiência de morada guarda algo semelhante à ideia, em termos de *comunidade de resistência*, à experiência de construir um lar que bell hooks narra:

Essa tarefa de constituir um lar não era simplesmente uma questão de prestação de serviços por mulheres negras, tratava-se da construção de um lugar seguro no qual pessoas negras pudessem dar força umas às outras, curando assim muitas de suas feridas infligidas pela dominação racista. Não tínhamos como aprender a nos amar ou nos respeitar na cultura de supremacia branca, do lado de fora; era do lado de dentro, naquele lar, na maioria das vezes criado e cuidado por mulheres negras que tínhamos a oportunidade de crescer e nos desenvolver, de alimentar o espírito. Essa tarefa de construir um lar, de fazer do lar uma comunidade de resistência, tem sido compartilhada por mulheres negras no mundo inteiro, especialmente por mulheres negras que vivem em sociedades de supremacia branca (hooks, p. 105-6, 2022).

Essa semelhança se dá sobretudo pelo passado presente da herança colonial e escravagista que a autora deixa bastante delineado como força mobilizadora da coletividade e da comunhão amorosa. Por isso destacamos o gesto político de construção de reconhecimento e estima que habitar um lar possui. Ao nos debruçarmos sobre produtos do campo comunicacional e artístico, experiências de morada (relação de forma-pertencimento de um território) tornou-se relevante para aparição de aspectos estéticos/políticos muitas vezes invisibilizados por processos históricos.

Para nós, a figura da morada-cavalo traz este duplo aspecto, visível/invisível, estético/político. A morada-cavalo traz um conjunto de relações de aspectos físicos estruturais de um local em um território habitado e as subjetividades, partilhas e pertencimentos que envolvem e atravessam o visível/invisível deste local, sempre de maneira provisória e efêmera, promovendo saltos entre temporalidades, aberturas ancestrais, pela força e forma do familiar/comunitário, como os corpos que servem de cavalo às entidades das religiões de matriz amefricana e ameríndia.

REFERÊNCIAS

BOGADO, Angelita; ALVES JUNIOR, Francisco; DE SOUZA, Scheilla Franca. Um estudo sobre performance, dispositivos de regulação entre formas de vida e formas de imagem no documentário contemporâneo. In: ALMEIDA, Gabriela; CARDOSO FILHO, Jorge. **Comunicação, estética e política: epistemologias, problemas e pesquisas**. Editora Appris, Curitiba, 2020. p. 265-280.

CARDOSO FILHO, Jorge. Objetos, natureza e cultura: uma proposta de abordagem sobre sensibilidades contemporâneas. In: **Políticas do sensível** [livro eletrônico]: corpos e marcadores de diferença na Comunicação / Organizadores Jorge Cardoso Filho, Gabriela Almeida, Deivison Campos. – Belo Horizonte, MG: Fafich/Selo PPGCOM/UFMG, 2020. 326 p. – (Olhares Transversais; v. 1) p. 297-316.

hooks, bell. *Anseios: raça, gênero e práticas culturais*. Editora Elefante, São Paulo, 2022.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **O Espírito da Floresta**. Cia das Letras. RJ, 2023.

MARTINS, Ieda. **Performances do tempo espiralar: poéticas do corpo-tela**. Composição IV – O meu destino é cantar, a gesta mitopoética dos Reinados. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

MARTINS, Cleo; MARINHO, Roberval. *Iroko: o Orixá Árvore e a Árvore Orixá*. Coleção Orixás. Pallas Editora, 2010.

REZENDE, Antônio Paulo. *ACASANOSSADECADADIA – Metáforas e histórias da pós-modernidade*. In. LEITÃO, Lúcia e AMORIM, Luiz (Orgs.). *A casa nossa de cada dia*. UFPE, 2007.

RUFINO, Luiz. *Pedagogia das Encruzilhadas*. Mórula, 2018.

SIMAS, Luiz Antônio; RUFINO, Luiz. *Flecha no tempo*. Mórula, 2019.

SILVA, David. *Pedrinhas Miudinhas: O Culto de Caboclo e Caboclas em Santo Amaro - BA*. Cachoeira. UFRB, 2023.

SOUZA, Scheilla Franca de, CARDOSO FILHO, Jorge (2022). A “Morada” como constelação e encruzilhada: estética e política em experiências audiovisuais. *Mídia E Cotidiano*, 16(1), 43-65. <https://doi.org/10.22409/rmc.v16i1.52133> (Original work published 19º de janeiro de 2022).

VELAME, Fabio. *Arquiteturas crioulas: os terreiros de Candomblé de Cachoeira e São Felix*. Salvador : EDUFBA/PPGAU, 2022. 466 p. :il.